

Nas linhas e entrelinhas dos Parâmetros Curriculares Nacionais/Educação Física/Ensino Médio¹

*Cinthia Lopes da Silva**

Resumo: Este trabalho propõe a análise dos Parâmetros Curriculares Nacionais/Educação Física/Ensino Médio. Tal documento foi elaborado pelo Ministério da Educação e do Desporto e faz parte do processo de reorganização do Ensino Médio. A partir de algumas idéias que fundamentam a análise de conteúdo, foi possível identificar seis temas tratados no documento em questão: esporte, saúde, corpo, prática pedagógica, papel profissional e finalidades da disciplina Educação Física no Ensino Médio. Ao término da análise, pode-se notar que esses temas, além de superficiais, são confusos e contraditórios. Não há distinção entre as diferentes teorias presentes no debate acadêmico da Educação Física, ocasionando uma infeliz tentativa de reunir as diferentes concepções a respeito da área. Tais concepções implicam profundas diferenças na prática pedagógica, o que leva a pensar na necessidade de revisão documental.

Palavras-chave: Análise documental, parâmetros curriculares nacionais, educação física escolar, ensino médio.

Abstract: This study, proposes an analysis of the National Curricular Parameters/Physical Education/High School. The document mentioned above was created by the Ministry of Education and Sports and is part of the High School re-organization process. Based on ideas that are the foundation for the content analyses, it was possible to identify six themes dealt with in the document: sports, health, body, pedagogical practice, professional role and aims of the subject Physical Education in High School. By the end of the analyses, it was possible to notice that these themes, besides being superficial, were also confusing and contradictory. There was no distinction between the different theories presented during the academic debate of Physical Education, causing an unsuccessful attempt to gather different concepts concerning the area. Such concepts imply in deep differences regarding pedagogical practice, which lead us to consider the need to perform a revision of the document.

Key words: Document analysis, national curricular parameters, physical education at school, high school.

* Mestre em Educação Física pela Faculdade de Educação Física/Unicamp, membro do Grupo de Estudo e Pesquisa Educação Física e Cultura – FEF/Unicamp e professora da FAD (Faculdade Diadema).

1. Este texto é parte de uma monografia de conclusão de curso referente à modalidade Licenciatura em Educação Física, realizada no ano de 2002, na Faculdade de Educação Física da Unicamp, sob orientação do Prof. Dr. Jocimar Daolio.

Este trabalho propõe uma análise documental dos PCNs/EF/Ensino Médio², que se justifica devido ao processo de reorganização do Ensino Médio. Para a realização da análise foi considerado o debate acadêmico surgido na área da Educação Física a partir da década de 1980. Dentre as principais correntes teóricas em debate, destacam-se aquelas que entendem como objetivos da Educação Física escolar o desenvolvimento das habilidades motoras e dos fatores cognitivo, afetivo e social dos alunos, diferentemente de outra corrente, que entende como finalidade dessa área propiciar aos alunos o acesso ao conhecimento da cultura corporal. Diante disso, propusemo-nos a analisar os PCNs/EF/Ensino Médio, com o intuito de comparar o conteúdo documental com o debate acadêmico existente na área da Educação Física.

Segundo CBCE (1997), os PCNs são documentos propostos para a criação de parâmetros norteadores das ações educacionais para os Ensinos Fundamental e Médio. Esse documento é uma iniciativa do Ministério da Educação.

O texto dos PCNs/Ensino Médio está dividido em quatro partes: Parte I – refere-se às bases legais que regulamentam o sistema de ensino nacional; Parte II – o módulo que trata das Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, no qual se encontram os conhecimentos de Língua Portuguesa, Língua Estrangeira Moderna, Arte, Informática e Educação Física; Parte III – módulo que trata dos conhecimentos das Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias, que envolvem os conhecimentos de Biologia, Física, Química e Matemática; e Parte IV – módulo das Ciências Humanas e suas Tecnologias, que tratam dos conhecimentos de História, Geografia, Sociologia, Antropologia, Política e Filosofia.

Neste trabalho, optamos pela análise documental referente aos “Conhecimentos de Educação Física”, do módulo Linguagem, Códigos e suas Tecnologias.

A escolha centrada no Ensino Médio é decorrente de alguns questionamentos e preocupações relacionadas a esse módulo da educação básica. De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (lei 9.394/96), descrita em Brasil (2002), a porcentagem de jovens brasileiros escolarizados entre 15 e 17 anos é de apenas 25%, fato visto pelos legisladores como positivo, uma vez que, de 1988 a 1997, o crescimento da demanda superou 90%, ou seja, antes de 1988 havia uma porcentagem menor que 25% de jovens, entre 15 e 17 anos, escolarizados. Apesar desse número ser visto como um dado positivo, apenas um quarto dos jovens brasileiros são escolarizados; além disso, temos de considerar que o ensino privado e o público constituem-se em realidades bem distintas. No ensino público, as aulas de Educação Física são quase inexistentes; esse fato pode ser explicado por diferentes motivos: falta de local apropriado para as aulas, falta do professor devido a campeonatos interescolares, utilização do horário da aula para preparação de festividades, atividades extracurriculares etc.

2. Abreviatura de Parâmetros Curriculares Nacionais/ Educação Física/ Ensino Médio.

Por outro lado, preocupam-nos as fortes influências do meio cultural. A televisão e a imprensa escrita tratam o corpo como objeto de consumo e atribuem a ele um conjunto de valores e significados voltados à lógica da sociedade capitalista. Acreditamos que as aulas de Educação Física possibilitam a reflexão e a construção de um olhar crítico às imagens e às informações divulgadas relacionadas aos temas corpo, esporte, saúde, lazer etc.

Uma outra discussão pertinente é sobre o conceito de saúde presente em nossa sociedade. Parece ser predominante ainda o conceito em que o fator biológico é a preocupação central, sem uma discussão mais abrangente dos diversos problemas existentes na saúde pública e nos setores públicos de um modo geral. Parece que a área da Educação Física tem contribuído muito pouco para a superação de uma lógica que entende as práticas corporais como meios para tornar os corpos belos e saudáveis.

Apesar do elevado índice de pobreza do País, o número de academias de ginástica e produtos da indústria da beleza é crescente nos últimos anos. Por outro lado, a maioria populacional que não tem condições de freqüentar academias, praticamente não tem acesso aos setores públicos de lazer e saúde. Esses dados levam a pensar no papel do profissional de Educação Física e da escola, que representam, talvez, uma das poucas oportunidades que esses jovens do Ensino Médio teriam para discutir essas questões e interpretar criticamente os fortes apelos da moda corpo e toda a problemática que envolve os setores públicos. Do ponto de vista educacional, o Ensino Médio deveria estar comprometido com um aprofundamento dessas questões, possibilitando que os jovens tenham condições de refletir sobre as influências culturais do meio em que vivem.

Tais questões contribuíram para centrarmos nossa análise no Ensino Médio. Mas como os PCNs/Ensino Médio discutem a Educação Física escolar? Considerando as influências histórico-culturais a partir da década de 1980, qual direção pedagógica podemos identificar nesse documento? Quais os objetivos e conteúdos das aulas de Educação Física no Ensino Médio?

A análise documental nos ajudou a responder essas questões. De acordo com Ludke e André (1986, p.38), esse tipo de análise:

(...) pode se constituir numa técnica valiosa de abordagem de dados qualitativos, seja complementando as informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema.

As autoras comentam que essa técnica apresenta vantagens para o uso de documentos na pesquisa ou na avaliação educacional. Os documentos constituem-se em fonte que pode retirar evidências que fundamentem afirmações e declarações do pesquisador. Representam, ainda, uma fonte "natural" de informação. Não são apenas fonte de informação contextualizada, mas surgem num determinado con-

têxto e fornecem informações sobre esse mesmo contexto (LUDKE; ANDRÉ, 1986).

Com esse tipo de pesquisa podemos analisar o modo como a escola recebe algumas influências da sociedade e, de maneira recíproca, como a sociedade recebe as influências da escola.

A partir de tal entendimento e seguindo as orientações de Ludke & André (1986), baseamo-nos em algumas idéias que fundamentam a análise de conteúdo, procedimento que se caracteriza como método de investigação do conteúdo simbólico das mensagens (LUDKE; ANDRÉ, 1986), identificando nos PCNs/EF/Ensino Médio questões que pudessem estar relacionadas ao discurso surgido na área da Educação Física, a partir da década de 1980.

Em Brasil (2002), podemos encontrar a descrição da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, em que foi possível identificar a proposta de reforma do Ensino Médio, instância de ensino que compõe a educação básica. A emenda constitucional nº 14/96 inclui “a progressiva universalização do ensino médio gratuito” (BRASIL, 2002, p.21), conferindo a todo cidadão brasileiro o direito a esse nível de ensino. Como podemos observar abaixo:

Na perspectiva da nova lei, o ensino médio, como parte da educação escolar, ‘deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social’ (Art. 1º § 2º da Lei nº 9.394/96). Essa vinculação é orgânica e deve contaminar toda a prática educativa escolar (BRASIL, 2002, p.22).

A citação acima indica que a estruturação do Ensino Médio está voltada para a formação dos sujeitos, preparando-os para o exercício do trabalho e de seus direitos sociais.

De forma resumida, podemos pontuar as finalidades que a nova LDB destina ao Ensino Médio:

- a formação da pessoa, o desenvolvimento de valores e competências necessárias à integração individual e ao projeto de sociedade em que se situa;
- o aprimoramento pessoal, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico;
- a preparação e orientação básica para a sua integração ao mundo do trabalho;
- o desenvolvimento das competências para continuar aprendendo, de forma autônoma e crítica, em níveis mais complexos de estudos (BRASIL, 2002).

A Educação Física, componente curricular obrigatório, segundo o Art.10 das Diretrizes Curriculares Nacionais do Ensino Médio (BRASIL, 2002), faz parte do módulo de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. Isso leva a pensar que a Edu-

cação Física trata do conhecimento da cultura corporal, em que as expressões e as manifestações corporais podem ser entendidas como linguagens construídas culturalmente e são, portanto, um conhecimento a ser adquirido pelos alunos durante o processo educacional. Essa idéia está na base da discussão de alguns autores participantes do debate acadêmico na Educação Física³, que compreendem os conteúdos da Educação Física escolar como elementos culturais e históricos. No entanto, em “Conhecimentos de Educação Física” de Brasil (2002), pudemos encontrar somente fragmentos dessa idéia, dando um tratamento confuso e contraditório aos conteúdos e finalidades da Educação Física escolar.

Antes de entrarmos na análise documental propriamente dita, algumas considerações devem ser feitas.

Primeiramente, o documento em questão caracteriza-se por idéias fragmentadas, ou seja, discute-se sobre esportes, saúde, as características dos profissionais da área, a prática pedagógica, mas de maneira recortada, sem desenvolvimento encadeado das idéias. Pudemos notar esse aspecto logo nas duas primeiras páginas. O primeiro parágrafo apresenta o propósito do documento; os dois seguintes abordam a problemática do tema esporte; o quarto parágrafo trata da qualidade do trabalho do professor e, no quinto, o assunto é a LDB. A página seguinte volta a falar sobre esporte. Este fato ocasionou certa dificuldade para compreendermos e analisarmos as idéias desenvolvidas no documento.

Um outro dado é que, nas referências bibliográficas ao final do módulo Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, não encontramos referências que dão sustentação à discussão feita em “Conhecimentos de Educação Física”. Os consultores falam sobre esporte, saúde, aptidão física, conduta motora, cultura corporal, comunicação corporal; citam a existência de trabalhos na área psicomotora, humanista e desenvolvimentista; no entanto, nas referências bibliográficas, não encontramos autores que sustentem essas discussões. Pudemos encontrar somente o nome da coordenadora (Zuleika Felice Murrie) do módulo e dos respectivos consultores (Isabel Gretel M. Eres Fernández, Maria Felisminda de Resende e Fusari, Maria Heloisa Corrêa de Toledo Ferraz, Mauro Gomes Mattos, Marcos Garcia Neira e Marcos Alberto Bussab), não constando se a equipe de consultoria organizou conjuntamente o módulo Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, ou se os consultores foram designados para a elaboração da disciplina de sua especialidade.

Para a análise documental seguiremos a versão mais atual dos PCNs/EF/Ensino Médio, elaborada pela Secretaria de Educação Média e Tecnológica, datada do ano de 2002, publicada em livro único. A versão anterior, datada de 1999, foi publicada em 4 livros. Na publicação mais recente, parece ter havido alterações na forma, mas não no conteúdo documental. Além disso, analisaremos o documento

3. Betti (1994), Bracht (1992), Coletivo de Autores (1992), Daolio (1997), Kunz (2000), dentre outros.

em questão a partir de seis temas identificados em seu conteúdo: esporte, saúde, corpo, prática pedagógica, o papel do professor de Educação Física na escola e as finalidades da Educação Física no Ensino Médio.

No primeiro parágrafo do documento (BRASIL, 2002, p.155), pudemos identificar o seu propósito:

O presente documento não tem a intenção de indicar um único caminho a ser seguido pelos profissionais, mas propor, de maneira objetiva, formas de atuação que proporcionarão o desenvolvimento da totalidade dos alunos e não só o dos mais habilidosos. Aproximar o aluno do Ensino Médio novamente à Educação Física, de forma lúdica, educativa e contributiva para o processo de aprofundamento dos conhecimentos, é o objetivo do que aqui será exposto.

Isso leva a questionarmos, assim como alguns autores do livro organizado pelo CBCE (1997), sobre a natureza de tal documento. Se os PCNs são parâmetros, como podem propor “formas de atuação” do professor? Um documento desse tipo talvez pudesse proporcionar um diálogo com os profissionais atuantes no sistema escolar, trazendo questões debatidas em suas respectivas áreas, mas o modo como os profissionais irão atuar depende de vários fatores, como, por exemplo, o contexto escolar, a formação dos profissionais, as influências recebidas cotidianamente e, sobretudo, a sua compreensão dos conteúdos e objetivos de tal disciplina. Um questionamento cabe ser feito: a proposta de “formas de atuação” pode trazer também a idéia de indicações teórico-metodológicas mas, na verdade, o que há no documento é uma reunião de fragmentos de linhas teóricas que podem relacionar-se a diferentes correntes pedagógicas. Podemos questionar se isso caberia a documentos dessa natureza, já que as diferentes correntes pedagógicas da Educação Física possuem propósitos distintos e não poderiam ser tratadas conjuntamente como sendo um único caminho teórico-metodológico. Um exemplo podemos observar na página 162, em que consta no documento o que se espera dos alunos do Ensino Médio – *“uma ampla compreensão e atuação das manifestações da cultura corporal”*, enquanto, em quase todo o documento, fala-se das práticas corporais voltadas à melhoria da aptidão física e da saúde, como podemos observar no exemplo abaixo:

Diversos autores enfatizam sobretudo a conquista da Aptidão Física e Saúde pelas crianças. Para esses autores, a Educação Física, enquanto componente curricular, tem ‘fabricado’ espectadores e não praticantes de atividades físicas (BRASIL, 2002, p.156-157).

Cabe-nos ainda uma última observação: ao final do primeiro parágrafo do PCNs/EF/Ensino Médio, fala-se em “aproximar o aluno do Ensino Médio novamente à Educação Física, de forma lúdica, educativa e contributiva para o processo de aprofundamento dos conhecimentos” (BRASIL, 2002, p.155), o que per-

mite o seguinte questionamento: considerando o debate acadêmico na área da Educação Física, a partir da década de 1980, de quais conhecimentos se está falando, já que as diferentes correntes pedagógicas existentes na Educação Física escolar propõem diferentes conteúdos e finalidades?

Os elaboradores, ao discutirem o tema esporte, levantam a problemática sobre a forte tendência da Educação Física ao trabalho com os esportes, caracterizando-se por uma metodologia de ensino voltada à execução de fundamentos, seguida de vivências de situações de jogo. Além disso, falam que “é possível constatar em algumas escolas um aprofundamento tático das modalidades, o que nos dá a impressão de que o sentido da Educação Física passa a ser o comportamento estratégico durante a prática desportiva” (BRASIL, 2002, p.155). Parece que essa preocupação dos elaboradores com relação ao esporte vai ao encontro da discussão sobre a esportivização ocorrida no Brasil, principalmente a partir dos anos 1970, época em que foi intensificado o discurso sobre o esporte associado à idéia de rendimento atlético. Na seqüência, os elaboradores fazem uma crítica a esse modelo de aula voltada às estratégias táticas dos esportes:

Essa especialização, no entanto, não se mostra eficaz pois, de certa forma, podemos dizer que só é possível ‘jogar taticamente’ aquele que domina os fundamentos do jogo. Não conseguimos imaginar um sistema 4 x 2 no voleibol, se os alunos não internalizaram a recepção, o levantamento e a cortada. Têm-se então, a característica recreativa da maior parte das aulas no Ensino Médio (BRASIL, 2002, p.155).

Seguindo nessa linha, os elaboradores dos PCNs/EF/Ensino Médio afirmam que as aulas de Educação Física não são eficazes, caracterizando-se como aulas recreativas. Isso porque os alunos não dominam as técnicas e táticas do jogo propostas pelo professor. É interessante percebermos duas questões nestas colocações. A primeira é com relação à concepção de esporte que se tem. Os elaboradores criticam o modelo esportivista predominante na escola, no entanto, entendem os esportes por etapas, ao invés de considerar como contextos do próprio esporte as técnicas e táticas, nas quais, durante os anos escolares, os alunos podem aprofundar-se. Para alguns autores (aqueles que seguem um eixo histórico-cultural), conhecer um determinado gesto técnico não quer dizer que o passo seguinte seja jogar de maneira tática, nem mesmo manter as mesmas regras e valores de tal esporte. Nessa linha, as técnicas não somente fazem parte do conteúdo das aulas, como são abrangentes ao conjunto de expressões e movimentos humanos. Isso leva a pensar no conjunto de técnicas corporais adquiridas pelos alunos por meio da cultura, mesmo antes de freqüentarem a escola. Além disso, os valores e significados atribuídos aos esportes poderão também ser tratados nas aulas, de maneira a propiciar a reconstrução e atribuição de novos significados para essas formas históricas.

A segunda questão é sobre a utilização do termo “recreação”, que aparece associado à vontade dos alunos de fazerem o que querem. Em contrapartida, pensa-

mos que realizar uma aula recreativa dentro de uma proposta educativa não é somente viável como aconselhável para se exercer criticidade e contribuir para a formação de sujeitos ativos diante dos elementos de sua cultura.

De acordo com alguns autores participantes do debate acadêmico surgido a partir da década de 1980 (BETTI, 1994; BRACHT, 1992; KUNZ, 2000; COLETIVO DE AUTORES⁴, 1992; DAOLIO, 1997), o modelo esportivista baseia-se em valores de competição, rendimento físico, *performance*, o que leva a pensar na necessidade de novos significados a tais valores. Não podemos negar a importância de o tema esporte ser tratado na escola, pois é elemento da Educação Física e faz parte de nosso contexto sociocultural. Os alunos poderão ter a oportunidade de compreender as relações do esporte com a lógica capitalista; de entender as fortes influências da mídia na construção de uma identidade esportiva para uma nação, como o futebol no Brasil; de aprender sobre as regras, as técnicas, as táticas; mas, sobretudo, poderão aprender a jogar de maneira cooperativa, recuperando valores mais humanos, necessários para se viver em sociedade.

No documento em análise, manifesta-se forte crítica ao modelo esportivista, feita, no entanto, de maneira superficial e fragmentada, como podemos notar nos trechos abaixo:

A influência do esporte no sistema escolar é de tal magnitude que temos não o esporte da escola, mas sim o esporte na escola. Isso indica a subordinação da Educação Física aos códigos/sentido da instituição esportiva: esporte olímpico, sistema desportivo nacional e internacional.

(...) Essa espécie de atividade determina relações entre professor e aluno que passam a ser: professor-treinador e aluno-atleta. Esse posicionamento, presente em grande parte das escolas brasileiras, é fruto da pedagogia tecnicista muito difundida no Brasil na década de 70. Vários autores têm abordado essa temática, coincidindo suas opiniões na necessidade de superação (BRASIL, 2002, p.156).

Como podemos observar, os elaboradores são coerentes com a crítica referente ao tratamento do esporte *na* escola e não o *da* escola; no entanto, não há um desenvolvimento do tema ou aprofundamentos teórico-metodológicos para tratar esse assunto. Qual seria o esporte *da* escola?

Outro dado identificado ao final do parágrafo refere-se à citação de que vários autores têm discutido essa temática, mostrando a necessidade de superação da esportivização das aulas de Educação Física. Dentre os vários autores que tratam desse assunto, alguns deles, aqui referidos, partem de linhas pedagógicas distintas. Podemos notar que alguns se aproximam em seus referenciais teóricos e outros são

4. Carmen L. Soares, Celi N. Z. Taffarel, Elizabethn Varjal, Lino Castellani Filho, Micheli O. Escobar e Valter Bracht.

antagônicos, o que leva a pensar na incoerência da afirmação documental e na necessidade de distinção entre as teorias existentes, já que as diferentes matrizes teóricas nas quais se baseiam os autores implicam diferentes compreensões de práticas pedagógicas.

Podemos exemplificar a idéia acima ao considerar Betti (1994), Bracht (1992), Kunz (2000), Coletivo de Autores (1992) e Daolio (1997) como autores que falam do esporte no sentido de reconstrução ou da atribuição de novos significados aos valores do esporte de alto rendimento. Já Tani et al. (1988), representantes da linha desenvolvimentista, falam no desenvolvimento dos aspectos cognitivos, motores, afetivo-sociais dos indivíduos, tendo como objetivo da aula de Educação Física a aprendizagem motora.

O tema saúde é tratado no documento como conseqüência da prática regular de atividades físicas, como podemos observar no seguinte trecho:

A incidência cada vez maior de adolescentes e jovens obesos, com dificuldades oriundas da falta de movimento, com possibilidades de acidentes cardiovasculares e com oportunidades reduzidas de movimento, leva-nos a pensar na retomada da vertente voltada à Aptidão Física e Saúde (BRASIL, 2002, p.157).

O que possibilita perguntarmos: quem são os alunos das aulas de Educação Física? Quais suas condições de vida? Eles têm acesso aos bens sociais necessários para uma vida digna? Somente respondendo essas questões podemos dizer se nossos alunos têm uma vida saudável ou não. A atividade física por si só não pode garantir saúde a ninguém. Talvez uma discussão desse tipo nas aulas de Educação Física pudesse contribuir para uma compreensão crítica relativa ao tema.

Em relação, ainda, à idéia de saúde e qualidade de vida, podemos observar trechos em que os elaboradores descrevem algumas modificações fisiológicas na prática das atividades físicas, como benefício para a qualidade de vida:

A inclusão de programas escolares que valorizem o aprendizado e a prática de exercícios de elevação e manutenção da frequência cardíaca em limites submáximos, alongamento e flexibilidade, relaxamento e compensação com o objetivo profilático desencadearão, conseqüentemente, uma melhor qualidade de vida (BRASIL, 2002, p.158).

Como podemos perceber, a visão de saúde e qualidade de vida existente no documento está relacionada ao aspecto biológico dos indivíduos; no entanto, esses temas, além de serem conceitos distintos, são mais complexos do que o proposto. Se, por um lado, compreendemos a saúde como um direito social, assim como a educação e o lazer, por outro, percebemos que apenas uma minoria populacional tem acesso a esses bens. A saúde pública passa por diversos problemas relacionados a questões políticas e econômicas; além disso, grande parte da população vive em condições precárias de vida, falta de moradia, saneamento básico, educação, fome

etc.⁵ Isso leva a pensar que, ao tratar o tema saúde no Ensino Médio, deveríamos considerar um enfoque mais amplo e mais próximo da realidade brasileira. Dessa maneira, poderemos contribuir para a formação de espectadores e de praticantes de atividades físicas, ativos e conscientes de sua realidade de vida.

Aproveitando essa discussão, podemos questionar também a visão presente nos PCNs/EF/Ensino Médio com relação aos cursos noturnos. De acordo com a nova LDB, a Educação Física é facultativa nos cursos noturnos. Os elaboradores defendem a necessidade dessa disciplina nesse período, mas por um viés centrado na idéia de aptidão física:

(...) no caso especial da Educação Física, até mesmo no ensino noturno, existe a possibilidade de reunir os alunos por grupos de interesse e necessidades e, junto a eles, desenvolver projetos de atividades físicas especiais. Exemplificando, os alunos trabalhadores podem compor um grupo que desenvolva atividades voltadas à restituição de energias, estímulos de compensação e redução de cargas resultantes do cotidiano profissional (BRASIL, 2002, p.157-8).

Nesse caso, podemos questionar: onde se encaixariam os conteúdos da cultura corporal? Os alunos dos cursos noturnos, pelo fato de terem trabalhado o dia todo não podem ter acesso aos conhecimentos dos esportes, dança, ginástica, lutas e jogos?

O tema corpo, tratado nos PCNs/EF/Ensino Médio, também leva a questionamentos. Pudemos identificar quatro definições ou referências ao tema corpo, assim descritas:

Sendo o corpo, ao mesmo tempo, modo e meio de integração do indivíduo na realidade do mundo, ele é necessariamente carregado de significados (BRASIL, 2002, p.159).

O relacionamento com a vida e com outros corpos dá-se pela comunicação e pela linguagem que o corpo é e possui (BRASIL, 2002, p.160).

O corpo, ao expressar seu caráter sensível, torna-se veículo e meio de comunicação (BRASIL, 2002, p.160).

Se o aluno não quer participar da aula e seu corpo demonstra, nem sempre o professor procura saber o que está acontecendo, desconsidera o fato e segue adiante com o seu trabalho. Nesse contexto, o corpo é considerado como um objeto reprodutor de movimentos e ações previamente estipulados pelo professor (BRASIL, 2002, p.160).

Nessas quatro referências notam-se basicamente duas concepções antagônicas de corpo: a primeira, embora colocada de maneira confusa, faz pensar o corpo como meio pelo qual os indivíduos relacionam-se com o mundo; na outra, o corpo é objeto reprodutor de movimentos, remetendo-nos à idéia de corpo em

5. Para um aprofundamento nessa discussão, ver: Carvalho (2001); Ferreira, 2001.

sentido estritamente biológico. Duas observações parecem ser relevantes: 1) Nas três primeiras definições acima, há certa confusão e redundância de termos: fala-se que corpo é “modo” e “meio”, “linguagem que o corpo é e possui”, “veículo e meio de comunicação”, dificultando a compreensão sobre a concepção de corpo presente no texto; 2) ao pensarmos nos significados das diferentes concepções de corpo, podemos questionar se, de fato, o sentido de corpo como meio de relação do sujeito com o mundo, sugerido em alguns trechos, está presente no restante do documento e no entendimento das práticas corporais. Alguns exemplos para pensarmos são as definições de esporte, jogo, ginástica, dança e lutas, assim descritas:

Considera-se esporte as práticas em que são adotadas regras de caráter oficial e competitivo, organizadas em federações regionais, nacionais e internacionais que regulamentam a atuação amadora e profissional. Envolve condições especiais de equipamentos sofisticados como campos, piscinas, bicicletas etc. (BRASIL, 2002, p.165). Os jogos podem ter uma flexibilidade maior nas regulamentações, que são adaptadas em função das condições de espaço e material disponíveis, do número de participantes, entre outros (BRASIL, 2002, p.165).

As ginásticas são técnicas de trabalho corporal que, de modo geral, assumem um caráter individualizado com finalidades diversas (...) (BRASIL, 2002, p.165).

As lutas são disputas em que os oponentes devem ser subjugados, com técnicas e estratégias de desequilíbrio, contusão, imobilização ou exclusão de um determinado espaço na combinação de ações de ataque e defesa (...) (BRASIL, 2002, p.165-6).

Aqui [os elaboradores referem-se aos temas da cultura corporal] são incluídas as manifestações da cultura corporal que têm como características a intenção de expressão e comunicação por meio dos gestos e a presença de estímulos sonoros como referência para o movimento corporal. Trata-se, principalmente, das atividades ritmadas, como dança ou jogos musicais (BRASIL, 2002, p.166).

Parece haver certa confusão conceitual referente ao tema corpo e às manifestações da cultura corporal. Ao entendermos que o corpo é meio de expressão dos sujeitos, as práticas corporais não podem ser definidas da maneira como aqui foram descritas, caracterizadas restritamente pelo conjunto de técnicas (reduzidas ao aspecto biomecânico), estratégias, regulamentações, materiais e espaços físicos. O que fica implícito e explícito nesta descrição é a idéia de corpo criticada naquela outra parte do documento, como um “objeto reprodutor de movimentos”.

Na linha dos autores que propõem uma discussão histórico-cultural à Educação Física, compreendemos que o corpo é ao mesmo tempo biológico e cultural, o que leva a entendermos as práticas corporais como linguagens, manifestações humanas, expressões construídas culturalmente. A partir desse ponto de vista, as técnicas corporais são atos culturais, um conjunto de expressões específicas de um determinado povo.

Com essa visão, acreditamos ser coerente os “Conhecimentos de Educação Física” fazerem parte do módulo Linguagens, Códigos e Tecnologias, já que se

supõe que essa disciplina curricular tratará das diferentes linguagens corporais construídas pela humanidade, tendo como temas clássicos os esportes, os jogos, as ginásticas, as danças e as lutas. São, portanto, linguagens corporais a serem compreendidas, vivenciadas, criticadas e reconstruídas. Com essas observações e esclarecimentos, podemos pensar nas confusões e contradições presentes nos PCNs/EF/Ensino Médio e na necessidade de sua revisão.

No referido documento, as confusões e contradições não se restringem às concepções de corpo e práticas corporais, mas se estendem ao próprio entendimento de diferentes visões da Educação Física como prática pedagógica. Isso é notável em alguns trechos do documento: “A Educação Física precisa buscar sua identidade como área de estudo fundamental para a compreensão e entendimento do ser humano, enquanto produtor de cultura” (BRASIL, 2002, p.156).

No parágrafo exatamente abaixo desse, consta a seguinte informação:

Essa discussão não se dá unicamente no Brasil. Educadores de diversos países têm se preocupado com essas questões e buscando alternativas para superá-las. Podemos destacar os trabalhos realizados na área psicomotora, humanista e desenvolvimentista. Essas vertentes conduzem a um reestudo da importância do trabalho com o movimento dentro da instituição escolar (BRASIL, 2002, p.156).

Como podemos observar, fala-se em entendimento do ser humano como produtor de cultura, o que nos remete a estudos que entendem a prática pedagógica pelo viés histórico-cultural. Em seguida são citadas correntes pedagógicas como psicomotricidade, humanista e desenvolvimentista, em que o modo como se pensa a prática pedagógica é outro, distinto dos estudos histórico-culturais. São visões de corpo, práticas corporais e práticas pedagógicas diferentes, tratadas no referido documento indiscriminadamente. Em outros trechos notam-se novamente incoerências desse tipo, ao serem utilizados os termos “cultura corporal”, adotado pelos estudiosos daquela primeira corrente teórica, e “conduta motora”, utilizado pelos estudiosos do outro grupo:

O aluno do Ensino Médio, após, ao menos, onze anos de escolarização, deve possuir sólidos conhecimentos sobre aquela que denominamos cultura corporal. Não é permitido ao cidadão do novo milênio uma postura acrítica diante do mundo. A tomada de decisões para sua autoformação passa, obrigatoriamente, pelo cabedal de conhecimentos adquiridos na escola. A Educação Física tem, nesse contexto, um papel fundamental e insubstituível (BRASIL, 2002, p.159).

Em outro parágrafo, fala-se em conduta motora:

No que diz respeito à Educação Física, a conduta motora de um indivíduo depende do papel social que aquele desempenha. Dentro de traços comuns de motricidade que identificam os elementos de uma mesma comunidade, há diferenças de inúmeras ordens (BRASIL, 2002, p.162).

Isso remete-nos à crítica da parecerista Carmem L. Soares⁶, em CBCE (1997), ao referir-se ao texto preliminar dos PCNs de 1º e 2º ciclos do ensino fundamental. Em tal parecer a autora identifica, naquele documento inicial, 14 termos utilizados na (e pela) área da Educação Física, sem qualquer consideração e/ou explicação acerca de sua origem, dentre eles “conduta motora” e “cultura corporal”. Há outros, citados pela autora, que também podem ser identificados neste documento; no entanto, para os objetivos deste trabalho centraremos nossas reflexões em apenas esses dois. Cabe, aqui, a explicação dada por Carmen L. Soares (CBCE, 1997, p.77):

A leitura do PCN – Educação Física revela uma tentativa dos autores, de abarcar o debate existente na área, agregando ‘termos’ que, supostamente, ‘contemplariam’ as diferentes abordagens da Educação Física escolar. O resultado não é muito feliz pois o universo lingüístico não é fruto do acaso mas, da significação conceitual construída em seu processo histórico de elaboração.

Dessa maneira, podemos questionar se é possível utilizar termos como “cultura corporal” e “conduta motora” em um documento de abrangência nacional, tratando tais termos de forma descontextualizada e indiscriminada, como se fizessem parte de uma mesma linha teórica.

No entanto, esses conflitos teóricos aparecem em outros parágrafos. Isso pode ser observado quando os elaboradores falam sobre “signo”, partindo de explicação neurológica, e entendem os movimentos corporais como determinados socialmente, mas também associados à idéia de conduta motora:

Os movimentos do corpo ‘certos’ ou ‘errados’ são determinados socialmente, indicando o comportamento adequado. O estabelecimento de padrões culturais de movimento acontece como se fosse um fenômeno natural. O jeito de andar, a postura corporal, a maneira de gesticular, o olhar, o ouvir, enfim, a conduta motora aparece como ação puramente biológica. A apreensão de determinado fenômeno depende dos instrumentos sógnicos de que se dispõe (BRASIL, 2002, p.162).
O carácter duplo do signo possibilita que ele faça parte tanto do mundo exterior ao organismo humano, como do mundo interior. A constituição do indivíduo em ser humano decorre da internalização dos signos sociais. À medida que o homem vai aprendendo os signos - as linguagens estabelecidas socialmente -, ele vai formando os órgãos funcionais do cérebro e adquirindo as qualidades humanas respectivas. O desenvolvimento mental está relacionado com a coordenação sógnica (BRASIL, 2002, p.160-2).

6. O parecer da referida autora é intitulado “Parâmetros Curriculares Nacionais e a Educação Física Escolar”. Em nota de rodapé, a autora explica que “O texto que segue foi elaborado a partir de solicitação da Secretaria de Ensino Fundamental do MEC, sob a forma de PARECER, acerca dos PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS-EDUCAÇÃO FÍSICA, destinado às séries iniciais do ensino fundamental” (CBCE, 1997, p.75).

No primeiro parágrafo em destaque, fala-se em comportamentos determinados socialmente, o que parece aproximar-se de uma discussão histórico-cultural; em seguida, fala-se em conduta motora, termo que remete ao entendimento biomecânico do movimento. No outro parágrafo destacado, dá-se uma explicação puramente funcional e biológica sobre signo, levando-nos a pensar no equívoco teórico trazido por tal documento.

Considerando ainda a explicação biológica no tratamento dos signos, não desmerecendo tal explicação, o documento parece indicar ser esse conhecimento necessário ao professor de Educação Física, não esclarece, porém, como uma aula de Educação Física pode tratar a questão dos significados atribuídos ao corpo e às práticas corporais, mas, já que se trata de uma proposta educativa para a área, seria coerente que isso fosse apresentado. Além disso, a relação entre o desenvolvimento mental e os signos é uma questão que parece equivocada. No último trecho citado, encontramos a explicação de que o desenvolvimento mental vai ocorrendo a partir da constituição dos signos.

Daolio (1997) discute a questão acima ao referir-se à falsa oposição do termo Educação Física. O autor diz que “o tradicional termo Educação física embute no seu significado uma oposição entre natureza e cultura” (DAOLIO, 1997, p.69). Com essa afirmação o autor discute a falsa oposição entre o biológico e o aspecto histórico-cultural, levando a entender que esses dois aspectos são integrados e indissociados. Parece que o equívoco documental está no entendimento sobre os signos, já que traz uma idéia contrária ao que o autor citado propõe. Para o documento, o desenvolvimento mental é posterior ao aprendizado dos signos.

Cultura corporal, termo citado algumas vezes no texto, também aparece com um sentido distinto daquele proposto por alguns autores da linha histórico-cultural. Para eles, cultura corporal e outros termos sinônimos, como cultura física, ou ainda cultura de movimento, referem-se a modos de expressão construídos culturalmente ao longo da história da humanidade. Dessa maneira, os esportes, os jogos, as danças, as lutas e as ginásticas são temas clássicos da cultura corporal. Para os PCNs/EF/Ensino Médio, a cultura corporal parece ganhar outros sentidos:

Qualquer área que pretenda estudar os movimentos humanos, ou utilizá-los de alguma forma, deve abordá-los com a complexidade que os movimentos têm. Em primeiro lugar, deve-se levar em conta a relação do corpo e meio social; é aqui que se inserem o beijo, o abraço, o jogo de futebol, a brincadeira de criança ou os códigos motores utilizados por determinada comunidade.

Isso explica, de certa forma, a localização social de determinadas práticas corporais - jogos, danças, esportes. Nossos alunos vibram ao jogar futebol, comunicam-se através dos movimentos: ‘Você não entendeu aquela jogada?’ A aceitação do vôlei de duplas cresceu bastante nos últimos anos; a capoeira ganha cada vez mais espaço; e o futsal já faz parte do cotidiano escola. Não temos, no entanto, o mesmo

retorno ao desenvolver temas que se distanciam das práticas culturais do nosso povo: que dizer de uma aula de 'cárdio-funk', beisebol ou badminton?

(...) o que se deseja do aluno do Ensino Médio é uma ampla compreensão e atuação das manifestações da cultura corporal (BRASIL, 2002, p.162).

Parece que há confusão com relação às manifestações culturais de um determinado povo e os elementos dessa cultura a serem tratados pela Educação Física. A discussão teórico-metodológica sobre cultura corporal e os temas esportes, danças, ginásticas, lutas e jogos parece ser de ordem diferente de uma discussão sobre códigos motores. Seguindo a linha dos autores do eixo histórico-cultural, as aulas de Educação Física escolar tratariam de certos códigos culturais, construídos em formas de expressões que envolvem os temas da cultura corporal, mostrando aos alunos as diferenças culturais em sociedades específicas e preparando-os para a "leitura" dos códigos existentes em seu meio social. Podemos retomar o exemplo dado por Daolio (1997) sobre o jogo de futebol: duas equipes de países diferentes, ao jogarem juntas, embora o façam dentro das mesmas regras e táticas, caracterizam-se por diferentes estilos de jogo. Isso define uma especificidade cultural. Além disso, podemos pensar que certos valores culturais são atribuídos às práticas corporais. Os alunos, ao identificarem tais valores e atribuírem novos sentidos a tais práticas, poderão compreender e assumir postura crítica em relação aos códigos construídos em seu contexto cultural.

O quinto tema identificado no texto documental refere-se ao papel dos professores de Educação Física. Pudemos notar que o profissional atuante no âmbito escolar foi criticado em diversos momentos do texto, como observado nos parágrafos abaixo:

Os alunos as freqüentam, muitas vezes, de forma descompromissada com o que está sendo ensinado [os elaboradores referem-se às aulas de Educação Física], pela constatação de que não obtêm a performance que desejam. Conseqüentemente, observa-se nessa fase uma visível evasão dos alunos das aulas, fator indesejável para todos os profissionais envolvidos, salientando o empobrecimento do trabalho do professor de Educação Física (BRASIL, 2002, p.155).

Aos professores de educação física cabe recuperar o prestígio perdido nas últimas décadas, propondo e desenvolvendo projetos de ação que realmente alcancem os objetivos do Ensino Médio (BRASIL, 2002, p.157).

O professor de Educação Física deve buscar, a todo custo, uma integração com o trabalho desenvolvido na escola, colocando o seu componente curricular no mesmo patamar de seriedade e compromisso com a formação do educando. Essas palavras podem soar estranhas a muitos educadores (BRASIL, 2002, p.158).

(...) não é possível uma abordagem abrangente dos processos de ensino e aprendizagem sem destacar a profissionalização dos educadores que atuam com os alunos no Ensino Médio (BRASIL, 2002, p.159).

Entendemos a preocupação dos elaboradores com a questão do papel dos professores de Educação Física na escola. No entanto, a maneira como tratam esse assunto parece não contribuir para as reflexões pedagógicas de tais profissionais, pois os elaboradores caracterizam pejorativamente o trabalho desse profissional. Além disso, não foram discutidos os problemas que envolvem os profissionais nas escolas, como as questões administrativas, políticas, econômicas, quantidade de aulas dadas por tais profissionais, as diferentes realidades do ensino público e privado etc. A intenção dessa análise não é eximir os professores de Educação Física de suas responsabilidades com a qualidade da aula. Entendemos que ele tem importância fundamental, mas também acreditamos que fazer proposições vagas ou avaliações pejorativas parece não colaborar para a superação dos diversos problemas que afetam o sistema escolar e as aulas de Educação Física.

O último tema a ser analisado são as finalidades da Educação Física para o Ensino Médio. De maneira sintética, encontramos, ao final do texto “Conhecimentos de Educação Física”, no módulo Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, um quadro intitulado “Competências e habilidades a serem desenvolvidas em Educação Física”. Segue-se a seguinte divisão, especificando as habilidades pretendidas para o aluno:

1. Representação e comunicação – adquirir autonomia na elaboração das atividades corporais, discutir e modificar regras, reunindo elementos de várias manifestações de movimento e estabelecendo uma melhor utilização dos conhecimentos adquiridos sobre a cultura corporal; assumir postura ativa na prática das atividades físicas; participar de atividades em grandes e pequenos grupos; reconhecer, na convivência e nas práticas específicas, maneiras eficazes de crescimento coletivo, dialogando, refletindo e adotando uma postura democrática às diferentes opiniões em debate; interessar-se por atividades físicas, como objeto de pesquisa e área de interesse social e de mercado de trabalho promissor.
2. Investigação e compreensão – compreender o funcionamento do organismo humano de forma a reconhecer e modificar as atividades físicas, valorizando as melhorias de suas aptidões físicas; desenvolver noções conceituadas de esforço, intensidade e frequência, aplicando-as em suas práticas; refletir sobre as informações específicas da cultura corporal, discernindo-as e reinterpretando-as em bases científicas, adotando postura autônoma, na seleção de atividades e procedimentos para a manutenção ou aquisição de saúde.
3. Contextualização sociocultural – compreender as diferentes manifestações da cultura corporal, reconhecendo e valorizando as diferenças de desempenho, linguagem e expressão (BRASIL, 2002).

As finalidades destinadas à Educação Física no Ensino Médio não são diferentes da característica geral do documento em análise, ou seja, parece uma tentativa de reunir as diferentes linhas teóricas a respeito dessa disciplina curricular, assim como os diferentes conteúdos e finalidades propostas. A questão é: isso é possível? Como podemos ensinar os alunos sobre as manifestações da cultura corporal partindo do entendimento de prática corporal como meio para melhoria da aptidão física? Como podemos esperar que nossos alunos aprendam sobre noções de esforço, intensidade e frequência, se partimos de um conhecimento tão fragmentado que talvez não dê oportunidade a eles de se aprofundarem nessa questão de maneira crítica? Essas questões levam a pensar que tais finalidades propostas não possam ser concretizadas, já que, em si, são contraditórias e incoerentes.

Com todas essas questões levantadas, podemos pensar na necessidade de reelaboração dos PCNs/EF/Ensino Médio. Uma revisão teórico-metodológica pode trazer aos profissionais atuantes no âmbito escolar o debate acadêmico existente na área, apontando as diferentes linhas teóricas discutidas na Educação Física. A partir disso, poderemos pensar em um documento educacional que esteja, de fato, comprometido com uma educação formadora de indivíduos críticos, autônomos, conhecedores de sua cultura.

Além disso, não podemos deixar de pensar que a experiência profissional sempre será o dado mais concreto para qualquer investigação. As práticas pedagógicas são eminentemente práticas sociais e, portanto, mediadas por contextos culturais específicos.

Os PCNs/EF/Ensino Médio constituem-se em documento de abrangência nacional, o que leva a pensar em sua importância e responsabilidade no trato dos conteúdos a serem ensinados e nos objetivos a serem alcançados nas aulas de Educação Física para o Ensino Médio. A sua reconstrução, juntamente com as experiências profissionais, parece ser de grande enriquecimento para seu propósito, levando-nos a acreditar que daqui a algum tempo possa existir um documento coerente com o debate acadêmico existente na área, esclarecendo as diferentes teorias da Educação Física brasileira, seus diferentes projetos educativos e, sobretudo, seus diferentes projetos de sociedade.

Referências bibliográficas

- BETTI, Mauro. Valores e finalidades na educação física escolar: Uma concepção sistêmica. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, out/1994, vol.16, n.1, p.14-21.
- BRACHT, Valter. *Educação física e aprendizagem social*. Porto Alegre: Magister, 1992, 122 p.
- BRASIL. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. *Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio*. Brasília: MEC; SEMTEC, 2002, 360p.

CARVALHO, Y. M. de. *O mito da atividade física e saúde*. São Paulo: Hucitec, 2001.

CBCE (org.). *Educação física escolar frente à LDB e aos PCNs: profissionais analisam renovações, modismos e interesses*. Ijuí: Sedigraf, 1997, 141 p.

COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do ensino de educação física*. São Paulo: Cortez, 1992, 119 p.

DAOLIO, Jocimar. *Cultura: educação física e futebol*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997, 135 p.

FERREIRA, M. S. Aptidão física e saúde na educação física escolar: Ampliando o enfoque. In: *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v.22, n.2, jan/2001.

KUNZ, Elenor. *Transformação didático-pedagógica do esporte*. 3 ed. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2000, 160 p.

LOPES DA SILVA, Cinthia. *Educação física escolar: nas linhas e entrelinhas dos PCNs/ ensino médio*. Monografia para conclusão da modalidade licenciatura em Educação Física, Faculdade de Educação Física, UNICAMP. Campinas, 2002.

LUDKE, Menga.; ANDRÉ, Marli.E.D.A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986, 99 p.

TANI, Go et al. *Educação física escolar: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista*. São Paulo: Edusp, 1988, 150p.